

CHICAGO: A SEDUÇÃO IRREVERENTE DOS PALCOS A TELA

Giovanna Gabriel¹

giovanna.gabriel@acad.espm.br

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso, falará sobre a direção de arte no filme Chicago (2002) o comparando com a peça teatral homônima, com base na versão da Broadway de 2007. O objetivo principal foi analisar como a direção de arte contribuiu para a narrativa visual e estilística do filme e da peça, para alcançar esse objetivo, foram realizadas pesquisas sobre a produção da peça teatral e cinematográfica, por meio de análises comparativas das escolhas estilísticas em ambas as versões. Ao comparar as duas formas de arte, foi possível observar como a direção de arte pode se adaptar e se transformar para se adequar às necessidades de cada meio.

Palavras-chave: Musical; Cinema; Teatro musical; Direção de arte; Cenografia.

124

1. Introdução

O teatro e o cinema são duas formas de arte distintas, mas que muitas vezes se entrelaçam para contar histórias cativantes e emocionantes. Um exemplo notável é a peça da Broadway "Chicago", que ganhou sua adaptação cinematográfica em 2002. Dirigida por Rob Marshall. O filme de 2002, estrelado por Renée Zellweger, Catherine Zeta-Jones e Richard Gere, trouxe consigo uma recriação visual dos cenários apresentados originalmente no palco. Como material de análise utilizei a versão de 2007 da Broadway, explorando as semelhanças e diferenças entre essas duas manifestações artísticas.

Para isso, serão analisados aspectos como o design, a paleta de cores, a ambientação e a forma como esses elementos contribuem para a narrativa. A peça original de "Chicago", escrita por Bob Fosse e Fred Ebb, estreou em 1975 e se tornou um grande sucesso nos palcos da Broadway. Ambientada na década de 1920, a

¹ Trabalho orientado por: Tainá Xavier (taina.huhhold@espm.br).

trama gira em torno de Roxie Hart, uma jovem aspirante a cantora que comete um crime passionai e se envolve em um mundo de corrupçã e glamour.

Ao adaptar a peça para o cinema, Rob Marshall teve a tarefa de reimaginar os cenários de "Chicago" de forma a explorar o potencial visual que o meio cinematográfico oferece. O filme apresenta uma estética estilizada e majestosa, repleta de cores vivas e contrastantes. Os cenários são elaborados e meticulosamente concebidos para transmitir a atmosfera decadente e glamurosa da época retratada. Uma das principais diferenças entre a peça e o filme é a maneira como os cenários são apresentados. No teatro, a limitação do espaço físico exige soluções criativas para representar diferentes locações. Em compensação, o cinema permite a utilização de locações reais e cenários construídos, conferindo uma maior sensação de realismo. Essa diferença pode influenciar diretamente a forma como a história é percebida pelo público.

Ao longo da análise comparativa, serão examinados exemplos específicos dos cenários do filme e da peça, destacando os pontos de convergência e divergência entre essas duas versões. Será discutido também, como a direção de arte contribui para a criação de um ambiente imersivo, complementando a trama e os personagens. Por fim, ao examinar as semelhanças e diferenças entre os cenários do filme e também como o cinema é considerado um meio pluricódico porque utiliza várias formas de linguagem para criar significado e transmitir mensagens. Ele combina elementos visuais, como a composição de imagens, cores, luzes e enquadramentos, com elementos sonoros, como diálogos, trilha sonora e efeitos sonoros, para criar uma experiência audiovisual completa.

No cinema, a linguagem verbal é expressa através dos diálogos, é possível também utilizar a linguagem escrita por meio das legendas. A linguagem visual é fundamental para contar histórias e transmitir emoções por meio de imagens em movimento, usando elementos como a fotografia e os efeitos visuais. A linguagem sonora, por sua vez, é responsável por criar atmosferas, estabelecer o ritmo da narrativa e evocar sentimentos no público, através da trilha sonora original, dos efeitos sonoros e da mixagem de áudio. Além disso, o cinema também utiliza recursos estilísticos e narrativos para construir significados. A montagem, permite

a organização e a conexão de diferentes planos, criando ritmo, tensão e sentido, selecionando e organizando o material filmado para criar a estrutura narrativa.

Concluimos que o cinema é considerado um meio pluricódico porque utiliza várias formas de linguagem de forma integrada e complementar para transmitir uma mensagem completa ao público. Essa combinação de elementos audiovisuais torna o cinema uma forma de arte única. Em resumo, o cinema é um meio pluricódico que combina códigos especificamente cinematográficos com códigos compartilhados com outras linguagens. Essa combinação de códigos e subcódigos forma a linguagem cinematográfica, que é a base para a criação e compreensão dos filmes.

Usarei a adaptação cinematográfica de "Chicago" como base de estudo e a peça da Broadway homônima, como base de estudo e poderemos compreender melhor as escolhas artísticas feitas em cada versão e como essas decisões impactam a experiência do público. Além disso, essa análise nos permitirá apreciar a maneira como a mesma história pode ser reinterpretada e ganhar vida de diferentes formas nos palcos e no cinema

2. Adaptações

2.1 Adaptação para teatro

A adaptação teatral para o cinema refere-se ao processo de adaptar uma peça teatral para um filme. Isso pode envolver várias mudanças, como modificar a história para se adequar ao meio cinematográfico, alterar o diálogo para torná-lo mais adequado para o cinema e adicionar novos elementos que não estão presentes na peça original. Um dos desafios de adaptar uma peça teatral para a tela é a diferença na forma como os dois meios contam histórias.

Enquanto o teatro depende muito do diálogo e das interações dos personagens, o cinema pode usar elementos visuais, como cinematografia, efeitos especiais e música, para transmitir uma história. Portanto, adaptar uma peça para um filme pode exigir mudanças na história ou na forma como ela é apresentada. Apesar desses desafios, muitos filmes de sucesso foram adaptados de peças teatrais musicais, como "Os Miseráveis" (2013, Tom Hooper), "Mamma Mia" (2008, Phyllida

Lloyd) e "Cats" (2019, Tom Hooper). Essas adaptações podem trazer nova vida a histórias clássicas e apresentá-las a um público mais amplo.

2.2 Adaptação de Chicago para Teatro e Cinema

Neste artigo, irei analisar "Chicago", um musical da Broadway de 1975 que recebeu sua adaptação cinematográfica em 2002. A peça e o filme possuem o mesmo enredo. Situados na Chicago dos anos 1920, eles contam a história de Roxie Hart, uma dona de casa que sonha em se tornar uma estrela de vaudeville. Depois de matar seu amante, ela é enviada para a prisão, onde conhece Velma Kelly, uma famosa cantora de boate que também está presa por assassinato. Com a ajuda de seu astuto advogado, Billy Flynn, elas tentam transformar seus julgamentos em um circo midiático e se tornarem celebridades. O filme é estrelado por Renée Zellweger, Catherine Zeta-Jones e apresenta muitas canções populares do musical original da Broadway, incluindo "All That Jazz", "Cell Block Tango" e "Razzle Dazzle".

O filme foi aclamado pela crítica e ganhou seis Oscars, incluindo Melhor Filme, Melhor Atriz Coadjuvante para Catherine Zeta-Jones e Melhor Direção de Arte. É considerado um dos melhores musicais do cinema de todos os tempos e ainda é apreciado pelo público hoje em dia. A versão da Broadway estreou em 1975, sendo criada por John Kander (música), Fred Ebb (letras) e Bob Fosse (livro, coreografia e direção). O enredo do musical é baseado em uma peça de teatro chamada "The Brave Little Woman", escrita pela repórter Maurine Dallas Watkins na década de 1920. Maurine foi designada pelo Chicago Tribune para cobrir os tribunais de casos de homicídio em 1924, envolvendo Beulah Annan e Belva Gaertner.

A cobertura de Maurine foi um grande sucesso na época e foi responsável pela libertação de ambas depois de 4 meses. Nesta pesquisa, baseei-me na abordagem pluricódica de Stam, fundamentada na teoria de Metz. Segundo Metz, a questão fundamental "O cinema é uma linguagem?" Está intrinsecamente ligada à pergunta "O que é específico ao cinema?". Os traços sensoriais característicos da linguagem cinematográfica nos auxiliam a distinguir o cinema de outras formas de expressão artística; uma modificação em um desses traços implica em uma modificação na linguagem cinematográfica.

Por exemplo, o cinema apresenta um coeficiente de iconicidade mais elevado do que uma língua natural como o francês, inglês ou português. Enquanto a fotografia e a pintura, em sua maioria, produzem imagens únicas, os filmes são compostos por múltiplas imagens. Além disso, diferentemente das histórias em quadrinhos, que são estáticas, os filmes são cinéticos. Portanto, a abordagem de Metz envolve a exploração dos procedimentos significantes específicos da linguagem cinematográfica.

Alguns dos materiais de expressão específicos do cinema são compartilhados com outras formas de arte, enquanto outros são exclusivos do cinema. A cinematografia possui seus próprios meios materiais de expressão, como câmera, filme, luzes, trilhos para movimentação de câmera e estúdios de som, além de seus próprios procedimentos audiovisuais. Essa questão dos "materiais de expressão" também levanta a discussão sobre o desenvolvimento de novas tecnologias. Dessa forma, a abordagem de Metz visa encontrar os procedimentos significantes específicos que caracterizam a linguagem cinematográfica.

No caso de *Chicago*, filme de 2002, observamos utilização de planos fechados, que consistem em uma técnica de filmagem, onde o enquadramento da câmera é próximo e focado em um único objeto, isso é possível devido ao que Robert Stam, baseado na teoria de Metz explica como meio pluricódico: Para o autor, o cinema é necessariamente um meio pluricódico, que combina “códigos especificamente cinematográficos”, isto é, códigos que aparecem apenas no cinema e “códigos não específicos”, isto é, códigos partilhados com outras linguagens que não o cinema. A linguagem cinematográfica é a totalidade dos códigos e subcódigos cinematográficos, desconsiderando-se, por ora, as diferenças que separam esses vários códigos, a fim de tratar o conjunto como um sistema unitário (STAM, 2000, p.140).

Esses códigos podem ser divididos em duas categorias principais: códigos especificamente cinematográficos e códigos compartilhados com outras formas de linguagem. Os códigos especificamente cinematográficos são aqueles que são exclusivos do cinema e não são encontrados em outras formas de expressão artística. Alguns exemplos desses códigos são o movimento da câmera, o enquadramento, a montagem, a iluminação, o som e os efeitos visuais. Esses

elementos são fundamentais para a criação de significados e emoções específicos no cinema. Por exemplo, o movimento da câmera pode transmitir a sensação de dinamismo e ação, enquanto a iluminação pode criar atmosferas e transmitir estados de espírito.

Além dos códigos especificamente cinematográficos, o cinema também utiliza códigos compartilhados com outras linguagens, como a literatura, o teatro e as artes visuais. Esses códigos incluem elementos como a narrativa, os personagens, os diálogos e os temas. Embora esses elementos também possam ser encontrados em outras formas de arte, eles assumem características particulares quando são transpostos para o meio cinematográfico. Por exemplo, a maneira como a narrativa é estruturada em um filme pode depender da edição e da sequência de imagens, o que não é possível em outras formas de arte. A linguagem cinematográfica é a totalidade desses códigos e subcódigos cinematográficos. É a forma como esses elementos se combinam e interagem para criar significados e experiências no cinema.

A compreensão da linguagem cinematográfica envolve a análise e interpretação desses códigos e subcódigos, bem como a compreensão de como eles se relacionam entre si. No teatro, ao contrário do cinema, não é possível destacar detalhes importantes em uma cena para enfatizar expressões faciais ou criar uma sensação de intimidade. Os planos são sempre abertos, permitindo que a plateia visualize todo o palco, mas sem captar detalhes.

No entanto, durante uma apresentação teatral, os atores interagem com o público, proporcionando uma experiência única a cada espetáculo. A atmosfera ao vivo e a imprevisibilidade do teatro tornam cada apresentação especial tanto para os atores quanto para o público. A atuação no teatro e no cinema é bem distinta. No livro "Análise dos Espetáculos", Patrice Pavis menciona que "a determinação do tempo-ritmo é tarefa do ator, que imprime sua marca e seu ritmo interno na enunciação de seu texto e papel" (PAVIS, 1996, p.147).

No teatro, os atores precisam projetar suas vozes e expressões faciais para alcançar todos os espectadores na plateia. A atuação é mais ampla e exagerada, permitindo que o público perceba todas as nuances da performance, nesse tipo de

espetáculo, os artistas incorporam o canto, a dança e a atuação para criar uma experiência única para o público.

Por outro lado, no cinema, as câmeras estão próximas dos atores, capturando detalhes sutis das expressões faciais e emoções. A atuação no cinema é mais contida e naturalista. O uso do espaço também difere no teatro e no cinema. No teatro, os atores precisam se adaptar a um espaço físico amplo. Isso requer movimentação para preencher o espaço. O teatro é uma experiência compartilhada entre os atores e o público, com uma sensação de comunidade e interação imediata.

No cinema, os atores atuam em locais reais ou estúdios, onde a câmera pode se mover e capturar diferentes ângulos. Normalmente com espaço é mais restrito e a atuação pode se concentrar em pequenos detalhes. Assim, tanto o teatro quanto o cinema possuem características únicas em relação à atuação, uso do espaço e interação com o público, tornando cada forma de expressão artística especial à sua maneira

3. Objetos da análise comparativa

Cell Block Tango versão Broadway (2007) e Chicago (2002) A cena que irei analisar é o número musical de Cell Block Tango. No contexto do enredo, essa cena acontece quando Roxie, uma das protagonistas, passa a primeira noite na prisão, depois de assassinar o seu amante. Segundo o diretor do filme de 2002 Rob Marshall, Roxie imagina essa performance, pois a vida no ponto de vista da personagem é apenas um grande espetáculo. O diretor de fotografia Dion Beebe, no início da cena, “única parte que não se passa na imaginação da personagem”, trabalha com diversos planos detalhes e médios. Observamos também o uso da iluminação, mais escura.



Figura 1: Uso de Planos detalhes no início da performance musical de Cell Block Tango. Filme: Chicago (2002)

Na primeira parte da cena de Cell Block Tango, observamos o uso de planos detalhes, uma técnica cinematográfica que destaca um objeto de cena. Nesta cena, temos a oportunidade de conhecer melhor o ambiente em que a personagem Roxie está. Além disso, a iluminação desempenha um papel importante ao criar uma atmosfera de tensão e tristeza. A iluminação geral é escura, com destaque em pequenos detalhes, como a pia, o isqueiro e o rosto de Roxie. O som também desempenha um papel fundamental na construção do espaço na cena. Ele adiciona uma dimensão sensorial que complementa a percepção visual, permitindo aos espectadores uma imersão mais profunda na história e no ambiente retratado. Por exemplo, durante a cena de Cell Block Tango, no filme, podemos ouvir sons de pias pingando, chaves e passos. Esses recursos são mais comuns no audiovisual.

131



Figura 2: Broadway 2007 dir. Walter Bobbie coreografado por Ann Reinking inspirado em Bob Fosse

No mesmo trecho de Cell Block Tango no teatro, existe também o uso de uma iluminação de destaque focando apenas nas atrizes e suas cadeiras, toda performance musical do teatro permanece assim, não existem alterações bruscas na iluminação e na montagem cenográfica no palco. A cenografia no teatro desempenha um papel fundamental na criação de sensações e atmosferas específicas para uma peça. Observamos também o uso do pano vermelho, das cadeiras e das celas na peça. Ao incorporar esses elementos visuais, é possível criar uma atmosfera imaginativa na performance, tanto no filme quanto no teatro musical.

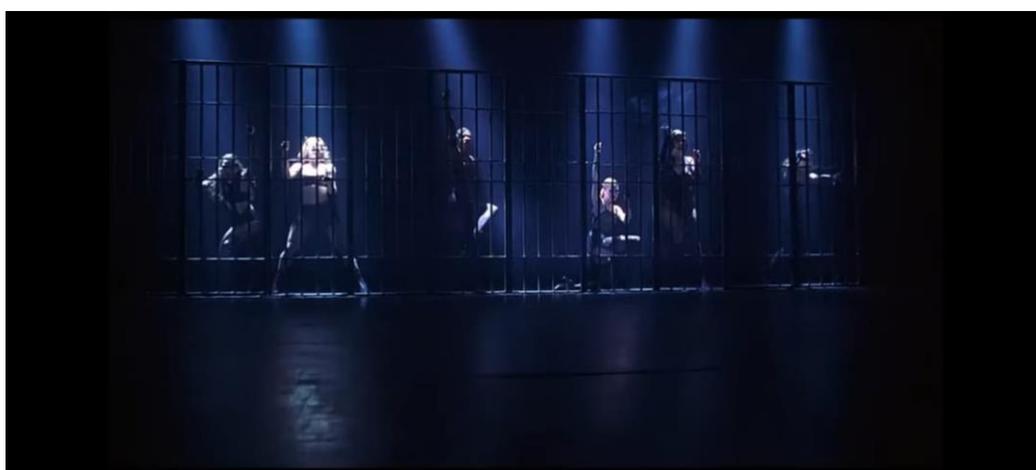


Figura 3: Cena Cell Block Tango imaginação da personagem Roxie: Chicago (2002)

Existem vários momentos da cena do filme, que imitam a dinâmica da peça de teatro. Adicionalmente, no cinema há um elemento novo no cenário, as celas, que não são utilizadas como forma de repressão em si, mas como um simbólico elemento para mostrar o controle e a sensualidade das julgadas, essas barras estão ligadas ao fato das personagens estarem presas, e durante o momento que elas contam suas histórias, elas saem de trás das grades e vão para o centro do palco, sendo capazes de circular e terem controle, enquanto contam suas histórias pessoais de seus crimes.



Figura 4: Uso de elementos cenográficos para representar os crimes: Chicago (2002)

As mulheres estão vestidas provocativamente de preto e seus parceiros assassinados também, durante toda cena da peça, não existe troca de figurino. Cada uma das 6 mulheres tem um lenço. Na década de 1920, época do crime, lenços eram um comum acessório feminino, na cena esses acessórios são utilizados para estrangular seus parceiros.

133



Figura 5: Cena fora da imaginação de Roxie: Chicago (2002)

Na cena do palco do filme, ocorre uma intercalação com cenários da prisão, onde as detentas conversam entre si. Nesses momentos, um dos principais elementos que se destaca é a iluminação, que é mais dura e menos colorida, com destaque para as luzes que entram pela janela e a luminária acima. Além disso, podemos observar o figurino das personagens, que segue uma paleta de cores predominantemente bege e alaranjada, com roupas largas e retas.

Na cena do palco, a iluminação desempenha um papel significativo na criação de atmosfera e no destaque das ações e emoções dos personagens. A luz dura e menos colorida enfatiza a dureza e a realidade do ambiente prisional, enquanto as luzes que entram pela janela e a luminária proporcionam pontos de destaque e sombras nas cenas. Esses contrastes de luz contribuem para a construção visual da cena, ressaltando os aspectos dramáticos e a tensão presentes no contexto da história.

Outra observação é a relação do público com a arte cênica. Para a doutora de artes cênicas Danielle Avilla Small, todo espectador colabora com o que vê, ainda que não queira ou não se dê conta disso. No entanto, é possível falarmos em variações de grau dessa ação receptiva-produtiva. Há nos procedimentos adotados na criação de peças de teatro, algumas estratégias de ênfase e explicitação dessa condição criativa lida com as obras por parte do espectador. (SMALL, 2015).

Observamos uma diferença significativa entre o público do teatro e o do cinema. Os espectadores de teatro têm a responsabilidade de observar e absorver o que está acontecendo no palco, testemunhando ao vivo a interpretação, os movimentos, as expressões faciais e as emoções transmitidas pelos atores.

A presença física dos atores cria uma conexão única com a plateia, e a reação imediata e encorajadora do público desempenha um papel crucial na atuação dos artistas, entretanto, no cinema, por outro lado, o close-up nos permite acessar expressões faciais mais sutis, o que não é possível no teatro. A plateia se torna parte essencial do espetáculo, fornecendo um feedback imediato sobre o desempenho da peça. Dessa forma, os espectadores têm um papel fundamental no processo de interpretação teatral.

Quanto ao figurino, a escolha de uma paleta de cores bege e alaranjada reforça a sensação de uniformidade e limitação visual dentro da prisão. As roupas largas e retas podem transmitir a ideia de conformidade e restrição da liberdade pessoal. Esses elementos visuais auxiliam na caracterização das personagens e na criação de uma identidade visual coerente com o ambiente prisional retratado no filme.

Dessa forma, a combinação da iluminação específica e do figurino das personagens na cena do palco, intercalada com os cenários da prisão, contribui para

a diferenciação visual entre os dois espaços e reforça as características particulares de cada ambiente, enriquecendo a narrativa visual do filme.

4. Conclusão

Ao longo desta pesquisa, realizamos uma comparação entre a direção de arte presentes no filme "Chicago" (2002) e na peça da Broadway, utilizando a cena de *Cell Block Tango* como comparação, buscando entender as semelhanças e diferenças entre essas duas manifestações artísticas. Analisamos aspectos como direção de arte, a paleta de cores, a ambientação e a forma como esses elementos contribuem para a narrativa. Também exploramos a relação entre a arte do cinema e outras formas de expressão artística, utilizando como referência o conceito de meio pluri código.

Observamos que tanto o filme quanto a peça compartilham a ambientação na década de 1920, por meio dos figurinos e da cenografia, explorando um cenário de corrupção, glamour e decadência em Chicago. Ambas as versões capturam a atmosfera vibrante e energética da época, utilizando elementos visuais e estilísticos para criar uma imersão no mundo dos personagens.

No entanto, há diferenças significativas entre as duas abordagens. Enquanto a peça se limita às especificidades do espaço teatral, o filme aproveita a liberdade oferecida pelo cinema para criar cenários mais elaborados e realistas, utilizando técnicas de troca de cenário e de situações.

O filme "Chicago" apresenta uma estética visualmente rica. Já a peça da Broadway pode fazer uso de iluminação e elementos cênicos para criar efeitos semelhantes, porém com uma abordagem mais limitada em termos de recursos visuais.

Essas diferenças nos elementos do filme e da peça demonstram as particularidades e os desafios enfrentados em cada meio artístico. Enquanto o teatro busca soluções criativas para representar diversos ambientes em um espaço limitado, o cinema permite uma maior flexibilidade e realismo na criação dos cenários.

No contexto da adaptação de "Chicago" para o cinema, o diretor Rob Marshall soube aproveitar as vantagens da linguagem cinematográfica para enriquecer

visualmente a narrativa. Os cenários elaborados e a estética contribuem para a imersão do público na trama e para a construção dos personagens.

Em suma, a comparação entre os cenários do filme "Chicago" e a peça da Broadway de 2007 nos permite apreciar as diferentes abordagens artísticas e técnicas utilizadas em cada versão. Ambas têm o objetivo de transportar o público para a atmosfera única da década de 1920 em Chicago, cada uma com suas próprias nuances e recursos. Ao analisar essas diferenças e semelhanças, podemos enriquecer nossa compreensão sobre a forma como o mesmo material pode ser adaptado e sobre diferentes formas de arte e suas interpretações, ressaltando a importância da criatividade e da adaptação para a arte.

Referências

PAVIS, Patrice. **Análise dos Espetáculos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

SMALL, Daniele Avila. **Repetição e diferença: dispositivos e mediações no teatro de Christiane Jatahy**. São Paulo: USP, 2015

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. São Paulo: Editora Papirus, 2000